

E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2602
9/SETEMBRO/2022

Na cama com o inimigo

Linda era agente da polícia secreta da Checoslováquia. Durante os anos 80, em plena Guerra Fria, dormiu com diplomatas portugueses, que foram chantageados e obrigados a passar informações sobre a NATO e a missão portuguesa naqueles países. De Praga, com amor
Por Paulo Anunciação

USE ESTE CÓDIGO EM LEITOR.EXPRESSO.PT
OU EM CODIGO.EXPRESSO.PT PARA
LER OS CONTEÚDOS DIGITAIS EXCLUSIVOS
NO SITE E NA APP





TEXTO
PAULO ANUNÇÃO
EM PRAGA

No final da década de 80, em plena Guerra Fria, uma jovem agente dos serviços secretos da República Socialista da Checoslováquia tinha uma missão muito específica: ir para a cama com funcionários diplomáticos portugueses

Komp

DOCUMENTAÇÃO Capa do livro de registos da StB, os serviços secretos da Checoslováquia

ARCHIVNÍ
PROTOKOL

A1592 - A4974

Refinováno:
11. XI. 66

romãt
à portuguesa

DETENÇÃO Miranda foi apanhado em flagrante e fotografado quando passava a mercadoria (cassetes em caixas de 120 unidades) que importou da República Federal da Alemanha. A operação durou três minutos. O vice-cônsul português não ofereceu resistência



No inverno de 1986, uma mulher estranhamente alta e loura, de 22 anos, chamou a atenção dos bufos da StB, a polícia secreta da Checoslováquia. A mulher chamava-se Renáta Adamová e era estudante de Pedagogia na Universidade Carolina de Praga, a mais famosa do país. Ela era, também, cliente habitual do bar panorâmico do Hotel Internacional — um mastodonte estalinista de 16 andares, construído em 1956, frequentado por homens de negócios ocidentais e pela cúpula comunista que governava a República Socialista da Checoslováquia desde 1948. Os olheiros da StB notaram a fluência com que Renáta falava inglês. E a forma, fácil, como ela se relacionava com os ocidentais. Eles eram, na sua maioria, homens alemães bem mais velhos do que ela e que estavam de passagem, breve, por Praga. As noites no bar panorâmico envolviam muitos copos de vodca, muita risada em voz alta, uma ou outra canção. Muitas vezes Renáta acabava a noite num dos quartos do Hotel Internacional.

Em janeiro de 1986, ela foi requisitada para uma conversa com os oficiais da StB. Era uma espécie de entrevista de emprego. Os homens da StB tinham feito o trabalho de casa. Sabiam quase tudo sobre a estudante, a família dela, as rotinas diárias e as aventuras noturnas. Ela gostava de ginástica e de discotecas. Sabiam que vivia sozinha no apartamento que o pai tinha em Praga. Pediram a Renáta para fazer uma lista de todos os homens (e respetivas nacionalidades) com quem tinha dormido. Ela respondeu que não se lembrava de todos os nomes, mas eram quase todos estrangeiros: Gary, um norte-americano; Manuel, um diplomata do Peru; Hichmi, um libanês que visitava Praga com enorme

Miranda encontrou-se com Linda no restaurante Olympia. Acabaram na mesma cama, do mesmo apartamento controlado pela polícia secreta

regularidade, de três em três meses, para comprar armas; e a lista continuava. Os agentes da StB foram diretos ao assunto: queriam saber se ela poderia ir para a cama com um certo estrangeiro. Seria um serviço patriótico, em prol da nação socialista. Ela aceitou (impôs uma única condição: que o homem não fosse de outra raça).

O recrutamento está registado nos arquivos da StB. Adamová foi classificada originariamente como KTS — *kandidát tajné spolupráce* (candidata a colaboradora secreta, na língua checa) — e recebeu o nome de código Linda. Estes documentos oficiais, incrivelmente pormenorizados, estão atualmente guardados no Arquivo dos Serviços de Segurança (ABS), em Praga. O acesso ao arquivo da StB está garantido por lei desde 2007. Os dossiês relativos a Linda têm quase 300 páginas. “Ela é inteligente, educada e atraente. Age com naturalidade. Sabe estar. Mas depois dos estudos vai ter problemas em arranjar emprego. Não consegue imaginar-se num emprego com horário fixo”, lê-se num dos primeiros relatórios da StB. No dia 31 de janeiro de 1986 ela assinou um compromisso de cooperação e confidencialidade com os serviços secretos.

A primeira missão de Linda teve lugar menos de dois meses mais tarde. Foi apresentada a um membro do pessoal administrativo e técnico da embaixada de Portugal em Viena. O português estava em Praga durante o fim de semana da Páscoa, em casa de amigos, igualmente portugueses. A jovem checoslovaca conheceu o alvo numa sexta-feira, 28 de março de 1986, no restaurante Olympia, no centro de Praga. Ela apresentou-se com um nome falso, Monika Hudcová, e disse que era estudante e que não tinha muito dinheiro. Acabaram na cama, numa casa que ele julgava ser o pequeno apartamento que “Monika” partilhava com uma colega da universidade. O apartamento, na verdade, pertencia à StB. O encontro sexual foi documentado fotograficamente e registado furtivamente em áudio. “Linda seguiu escrupulosamente a linha de conduta estabelecida. A ação de comprometimento moral do objeto foi concluída com êxito”, lê-se num relatório de 1 de abril preparado pelo capitão Kaluscha, da StB. Linda foi premiada com um bônus de mil coroas.

A segunda missão também envolveu um português. João Carlos Miranda tinha 37 anos e era o encarregado da secção consular da embaixada de Portugal em Praga. Na noite de 15 de abril de 1986, Miranda encontrou-se com Linda no mesmo restaurante Olympia. Acabaram na mesma cama, do mesmo apartamento controlado pela polícia secreta. A agente Linda voltou a seguir à risca o protocolo combinado com os superiores. Uma luz vermelha deu a indicação de que tudo estava a correr com normalidade e que a “documentação” do encontro poderia começar. As câmaras escondidas



pela StB registaram fotograficamente todo o encontro, que durou cerca de uma hora. O português pagou 100 marcos alemães pelos serviços sexuais. Estava dado o primeiro passo de um processo que visava embarçar — ou “comprometer moralmente”, nas palavras da StB — o funcionário português. Um processo que levaria, eventualmente, ao seu recrutamento pelos serviços secretos da República Socialista da Checoslováquia.

* * *



A família Miranda chegou a Praga no final de dezembro de 1983. A mulher de João Carlos era funcionária administrativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros e fora colocada na embaixada de Portugal em Praga. Pertencia ao quadro do ministério como escriturária-datilógrafa e iria trabalhar como secretária do embaixador. O único filho do casal nascera poucos meses antes. João Carlos estava desempregado, mas contava arranjar um emprego na embaixada. Tal como acontecia com todos os novos membros da missão diplomática portuguesa acabados de chegar à capital da Checoslováquia, a família Miranda despertou desde logo a atenção dos serviços secretos. A StB tinha microfones em todas as salas da embaixada em Praga e podia ter acesso às conversas mantidas no interior. Contava, além disso, com um número impressionante de toupeiras infiltradas entre os funcionários da missão diplomática. Em meados da década de 80, quando a família Miranda vivia em Praga, pelo menos cinco empregados checoslovacos da embaixada eram espões ao serviço da StB: os funcionários do departamento comercial Vlastimil Rohan (agente Nebuželský) e Jaroslav Strihavka (Werner), os motoristas Miloslav Rychtařík (José) e Jiří Špit (Šíp) e a secretária Emilie Zajíčková (Úřednice). Todos eles forneciam regularmente informações sobre a embaixada.



A StB reuniu rapidamente um volume sobre os recém-chegados. Os dossiês dedicados ao casal Miranda guardados atualmente no arquivo ABS contêm mais de 200 páginas de relatórios, notas, memorandos e outros documentos. Incluem apontamentos biográficos, por vezes com detalhes inesperados: “A família de [João Carlos] Miranda era rica em Angola, mas perdeu tudo com a revolução. Por essa razão são reacionários e antissocialistas. Politicamente ele é de direita. Ficou contente com a prisão de Otelo [Saraiva de Carvalho]”, lê-se num relatório do agente Nebuželský de julho de 1984. “Ela foi secretária do [ministro dos Negócios Estrangeiros] Jaime Gama. Encomendaram um BMW em Viena. Ela vai ter passaporte diplomático.” Outros documentos comentam o relacionamento deles com os restantes portugueses da missão diplomática em Praga. Descrevem o dia a dia do casal, as constantes mudanças de residência

AGENTE Linda, nome de código, chamou a atenção da StB e foi recrutada para comprometer pessoal da embaixada portuguesa em Praga. Nesta página estão a sua ficha de agente, bem com uma declaração de compromisso e o relato do encontro sexual com João Carlos Miranda

ou banalidades como as festas de aniversário do filho, as datas das férias em Portugal ou a identidade da nova *baby-sitter*.

Em setembro de 1984, João Carlos Miranda foi contratado para o cargo de chanceler, encarregado da secção consular da embaixada em Praga. E a partir daí o interesse por este português recrudescceu. Um dos espiões nota que Miranda tem as chaves da embaixada e é o responsável por abrir e fechar as portas das instalações. “Não fecha totalmente os cadeados e as portas, o mesmo acontece com as portas dos gabinetes”, lê-se num dos relatórios.

O chanceler desenvolveu uma amizade crescente com o motorista Jiří Špit sem nunca desconfiar que ele era, igualmente, um colaborador secreto da StB com o nome de código Šíp. Os dois homens têm praticamente a mesma idade. Os serviços secretos encorajaram esta aproximação. Notaram que Miranda exibia sinais de “fraqueza humana” e que poderia ser possível criar condições para uma ação de comprometimento através de chantagem.

Num documento de 17 de janeiro de 1985, o agente Šíp relata que Miranda se queixa do facto de ter de “obedecer à mulher em tudo” e de ser ela quem manda em casa. Šíp mostrou-lhe um calendário checoslovaco com fotografias de mulheres. “[Miranda] Olhou para elas durante muito tempo”, diz Šíp. “Mostra grande interesse em mulheres”. O mesmo espião acrescenta que o chanceler português lhe pediu ajuda para estabelecer contactos no submundo do mercado negro de Praga. Miranda precisava de complementar o ordenado.

O agente Šíp mostrou-se sempre prestável. Quando solicitado, arranjou-lhe recibos em branco de táxis de Praga. Quando o português se queixou

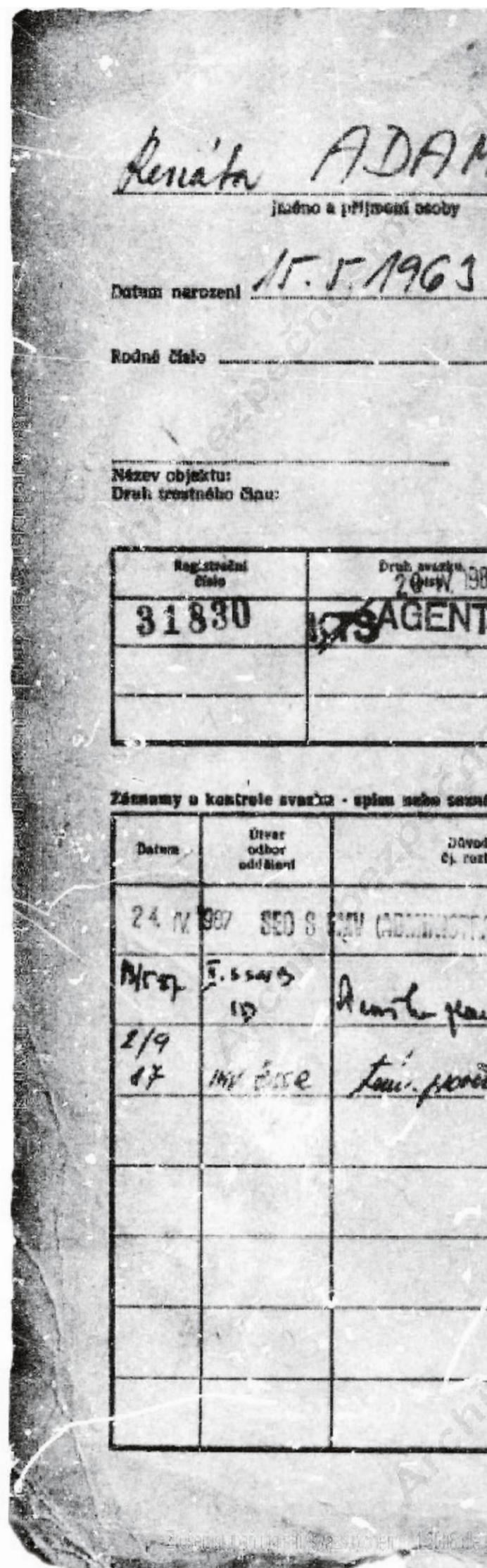
de uma amante ocasional chamada Naděžda (“Ele gosta [de Naděžda], mas não quer ir para casa dela porque receia dar de caras com o noivo dela”, informa Šíp), o agente prontificou-se a organizar o encontro de Miranda com a amiga “Monika” — o encontro sexual com a agente Linda, da noite de 15 de abril de 1986, que acabaria documentado e fotografado furtivamente pela StB. Aparentemente o português não gostou dos momentos passados com ela. Queixou-se a Šíp e disse que ela era “muito profissional”. “[Miranda] Disse-me que não queria estar mais com ela. Foi bom, mas preferia uma mulher mais ‘normal’, talvez uma estudante à procura de dinheiro extra”, relatou Šíp.

A StB continuou a cultivar o vice-cônsul Miranda. Šíp ajudou o português a movimentar-se no circuito dos câmbios ilegais de divisas, que podiam proporcionar lucros fáceis em Praga. Apresentou contactos de pessoas dispostas a comprar os produtos de contrabando que Miranda começou a trazer com alguma regularidade nas suas viagens a países ocidentais vizinhos, como a Áustria e a República Federal da Alemanha. “O desejo de ter dinheiro é uma das características mais marcadas [de Miranda]”, lê-se num memorando da StB do dia 23 de setembro de 1986 carimbado a vermelho — como tantos outros, nestes dossiês — com as palavras PŘÍSNĚ TAJNĚ (ultrassegredo, na língua checa). Os serviços secretos registaram fotograficamente, mais do que uma vez, ao longo de 1986 e 1987, o material de contrabando guardado na mala do carro de matrícula diplomática do chanceler português. A pasta com provas das atividades ilegais e das aventuras extraconjugais de João Carlos Miranda em Praga começava a crescer em volume. No início de 1988, o alvo estava pronto para o ataque final: uma megaoperação, preparada pela StB, que seria decisiva para o recrutamento do português.

De acordo com um relato do motorista Jiří Špit (agente Šíp), Miranda manifestou-se uma vez “algo preocupado” porque os jornais checoslovacos noticiaram a detenção, em Praga, de um grupo de contrabandistas (incluindo alguns diplomatas). Šíp apressou-se a tranquilizar o português. Disse-lhe que ele não corria perigo porque o contrabando que ele fazia envolvia sempre pequenas quantidades, um ou outro produto de áudio e alta-fidelidade. Seguindo a orientação dos oficiais superiores da StB, Šíp sugeriu então que talvez fosse melhor que a entrega do material de contrabando importado por Miranda passasse a ser transferido para o carro do recetador num lugar remoto e fora de Praga. O português concordou. O local escolhido ficava no topo de um monte em Ejovice, nos arredores de Pilsen, a 70 quilómetros da fronteira com a Alemanha.

O local, naturalmente, fora escolhido pela própria StB. Os serviços secretos montaram uma

Sova estava incumbido de sugerir nomes de membros das missões diplomáticas portuguesas que poderiam ser alvo de cultivo



foi ditada em português, de promessa de cooperação com a República Socialista da Checoslováquia como prova de que ele estava a ser sincero na sua concordância com a cooperação”.

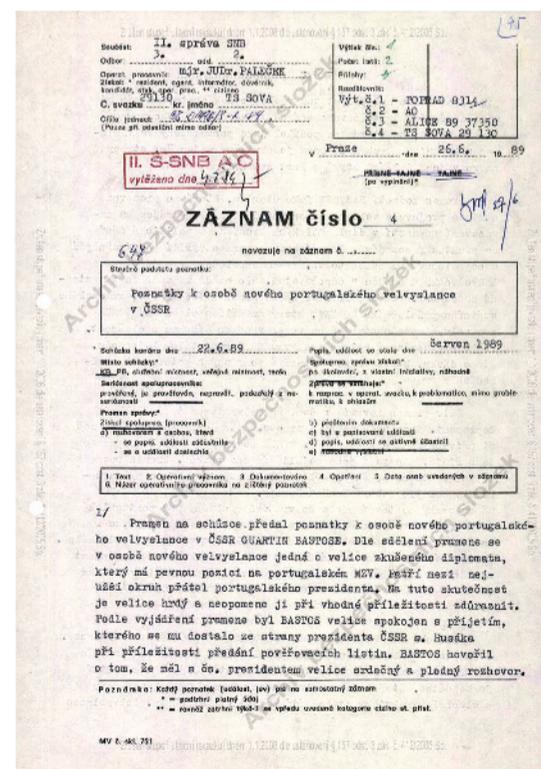
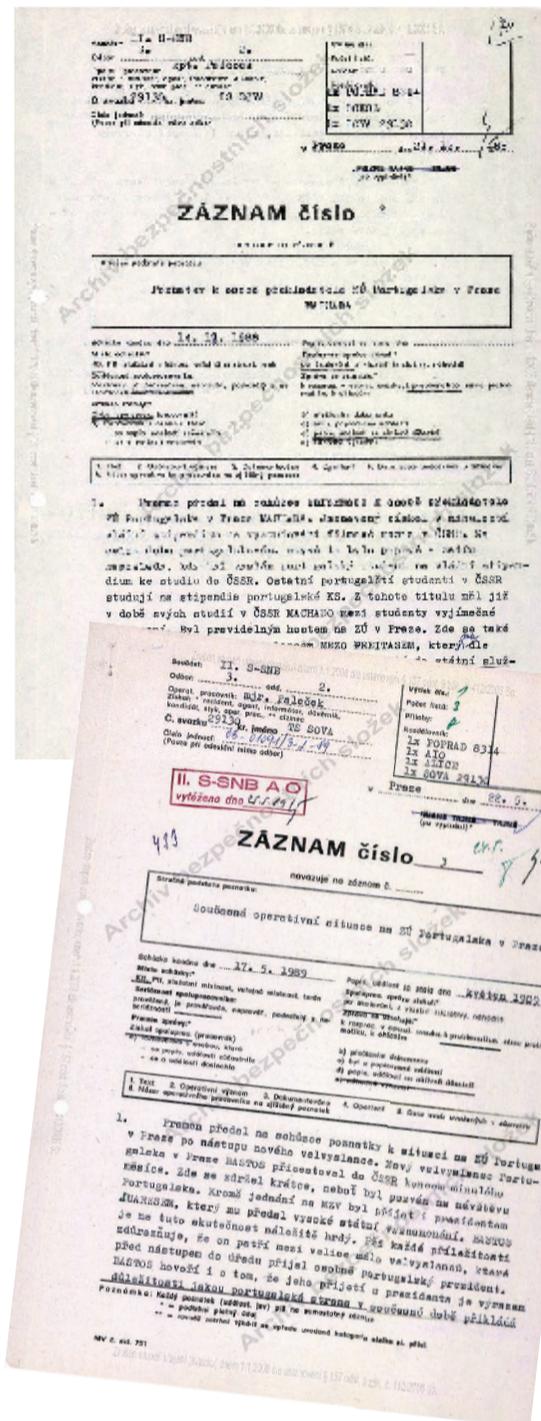
O documento de seis páginas que formaliza o recrutamento de João Carlos Miranda como agente da StB com o nome de código Sova tem a data de 15 de fevereiro de 1988. Nos livros de registo de nomes e nomes de código da StB, Miranda/Sova passou a ser categorizado como TS, as iniciais de colaborador secreto ou agente. Além do carimbo de ultrassecreto, inclui igualmente, na primeira página, a assinatura (e a aprovação) do general Vladimír Hrušecký, vice-ministro do Interior. A lista de tarefas entregue ao agente Sova era longa e detalhada. A StB queria ter acesso a todo o correio diplomático que passasse pela embaixada de Portugal em Praga. Queriam as chaves da embaixada. Pediram uma cópia do dicionário da cifra utilizado nas comunicações diplomáticas classificadas. Os serviços secretos estavam particularmente interessados em tudo o que dissesse respeito à NATO: relatórios da organização, detalhes do equipamento militar, minutas de todas as reuniões do embaixador português com colegas de países da NATO. A StB pediu a Sova para expandir os seus contactos sociais com funcionários diplomáticos de países da América Latina e, em particular, com todos os norte-americanos e outros ocidentais que frequentassem o Clube Diplomático em Praga. Sova estava incumbido, igualmente, de sugerir nomes de membros das missões diplomáticas portuguesas (ou de outros países ocidentais) em Praga e Viena que poderiam ser alvo de cultivo para eventual recrutamento por parte dos serviços secretos checoslovacos.

João Carlos Miranda diz que a investigação do Expresso é apenas uma versão de acontecimentos “que poderão ter acontecido — ou não”

O agente Sova trabalhou ativamente ao serviço da StB durante anos. Os serviços secretos checoslovacos foram extintos poucos meses após a queda do regime comunista, em novembro de 1989, com a chamada Revolução de Veludo. Documentos da StB revelam alguns pormenores sobre a forma como se fazia o relacionamento do agente português com os oficiais da polícia secreta. Ele manteve reuniões secretas regulares, geralmente com o capitão Vladimír Paleček, que detinha a pasta ibérica nos serviços checoslovacos de contraespionagem. A StB atribuiu-lhe um número especial de telefone — 3118511 — caso necessitasse de contactar para arranjar uma reunião de emergência. Foi-lhe atribuída, igualmente, uma senha e contrassenha para os contactos. “Não há dúvidas de que Sova garantiu o acesso livre da StB a todo o edifício da embaixada [de Portugal em Praga]. Eles puderam entrar e aceder aos cofres e ler e fotografar tudo o que queriam”, explica Radek Schovánek, investigador e coordenador do Museu da Memória do Século XX, em Praga. “A embaixada portuguesa foi, provavelmente, a mais atacada entre todas as embaixadas em Praga na altura. E o agente Sova teve um papel determinante nisso.”

O arquivo ABS inclui vários relatórios escritos com base em informação passada pelo agente português. Em dezembro de 1988, por exemplo, Sova transmitiu aos seus controladores da StB informação sobre a vida privada de um cidadão português que trabalhava como intérprete na embaixada. Noutro relatório de quatro páginas, de maio de 1989, Miranda alonga-se nas apreciações sobre os chefes da missão diplomática portuguesa, Carlos Durrant Pais (encarregado de negócios de Portugal em Praga entre 1987 e 1989) e Luís Quartim Bastos (embaixador em Praga a partir de 1989). Este relatório inclui inúmeras indiscrições e pormenores da vida privada dos dois homens. Miranda também passou informação sobre o sistema de segurança na embaixada. O controlador Paleček anotou, com satisfação: “Tudo indica, até agora, que o novo embaixador [Quartim Bastos] não será tão escrupuloso quanto o anterior quanto às medidas de segurança. A nossa fonte [Sova] também é de opinião que ele [Sova] terá uma situação mais favorável no que diz respeito a obter informação e materiais de interesse.”

No mês seguinte, junho de 1989, as informações transmitidas por João Carlos Miranda preenchem seis páginas de relatórios da StB e incluem a transcrição de um ofício da embaixada sobre estratégia económica e sobre as relações comerciais de Portugal com a Checoslováquia e outros países europeus. O mesmo relatório inclui imensa informação sobre a vida pessoal do embaixador português — dados que levam o oficial Paleček a escrever, entusiasmado, que “esta importante informação poderá ser usada para organizar medidas ativas de contraespionagem contra a pessoa em causa”. Em



Číslo zápisu	Podpis číslo zápisu	Průběh, obsah, obsah zápisu, obsah zápisu	Účast a příležitost společenská	Průběh zápisu
20089	000-1-1	ZLEŠÁK	28.5. 1949	35218
20090	000-1-1	ZANUSO	18.11. 1949	35219
20091	000-1-1	LANDA	17.11. 1949	35220
20092	000-1-1	LATHNAN	1. 11. 1949	35221
20093	000-1-1	LACINOVA	28. 1. 1966	35222
20094	000-1-1	LARVOVA	21. 2. 1950	35223
20095	000-1-1	LI	1. 11. 1949	35224
20096	000-1-1	MEISNER	19. 8. 1962	35225
20097	000-1-1	MENŠIN	9. 5. 1934	35226
20098	000-1-1	MIRANDA	1. 2. 1949	35227
20099	000-1-1	MILCINIHOVA	3. 3. 1950	35228
20100	000-1-1	MLADEVOV	10. 1. 1947	35229
20101	000-1-1	MORAVSKA	5. 9. 1952	35230
20102	000-1-1	MORAVSKA	1. 11. 1949	35231
20103	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35232
20104	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35233
20105	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35234
20106	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35235
20107	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35236
20108	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35237
20109	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35238
20110	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35239
20111	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35240
20112	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35241
20113	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35242
20114	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35243
20115	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35244
20116	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35245
20117	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35246
20118	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35247
20119	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35248
20120	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35249
20121	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35250
20122	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35251
20123	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35252
20124	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35253
20125	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35254
20126	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35255
20127	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35256
20128	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35257
20129	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35258
20130	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35259
20131	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35260
20132	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35261
20133	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35262
20134	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35263
20135	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35264
20136	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35265
20137	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35266
20138	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35267
20139	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35268
20140	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35269
20141	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35270
20142	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35271
20143	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35272
20144	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35273
20145	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35274
20146	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35275
20147	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35276
20148	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35277
20149	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35278
20150	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35279
20151	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35280
20152	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35281
20153	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35282
20154	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35283
20155	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35284
20156	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35285
20157	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35286
20158	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35287
20159	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35288
20160	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35289
20161	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35290
20162	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35291
20163	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35292
20164	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35293
20165	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35294
20166	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35295
20167	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35296
20168	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35297
20169	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35298
20170	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35299
20171	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35300
20172	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35301
20173	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35302
20174	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35303
20175	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35304
20176	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35305
20177	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35306
20178	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35307
20179	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35308
20180	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35309
20181	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35310
20182	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35311
20183	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35312
20184	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35313
20185	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35314
20186	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35315
20187	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35316
20188	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35317
20189	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35318
20190	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35319
20191	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35320
20192	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35321
20193	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35322
20194	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35323
20195	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35324
20196	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35325
20197	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35326
20198	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35327
20199	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35328
20200	000-1-1	MORAVSKA	11. 11. 1949	35329

COLABORADOR

Miranda recebeu o nome de código Sova, num documento de 15 de fevereiro de 1988. Para que a mulher não soubesse do *affair*, aceitou escrever em português uma “promessa de cooperação com a República Socialista da Checoslováquia”. Nos meses seguintes, forneceu dados sobre compatriotas, pessoal diplomático e informação sobre a embaixada

agosto de 1989, Sova partilhou com os oficiais da StB as análises da situação política checoslovaca que a embaixada de Portugal ia fazendo e transmitindo ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa. Praga vivia, então, momentos de tensão. A StB, a polícia secreta ao serviço, desde 1948, de um regime totalitário brutal, desdobrava-se em esforços na vigilância da população. Sova fazia chegar aos seus amos na cúpula da StB toda a informação atualizada que corria entre os círculos diplomáticos ocidentais sediados em Praga.

A StB foi dissolvida no dia 15 de fevereiro de 1990. O novo regime democrático pós-comunista – sob a liderança do presidente Václav Havel e do primeiro-ministro Marián Čalfa – criou, em sua substituição, o ÚOÚD (Departamento para a Proteção da Constituição e da Democracia), sob a direção do Ministério do Interior. Este ÚOÚD manteve alguns operacionais do antigo regime, como o capitão Paleček. Miranda continuou a ser chamado Sova. E Paleček continuou a ter reuniões secretas com o agente português. Num encontro de 15 minutos mantido no dia 11 de abril de 1990, por exemplo, Sova apresentou-se surpreendentemente “calmo”: “[Sova] nunca tentou pôr fim à colaboração e afirmou ter plena consciência da dependência [dele] relativamente às autoridades da República Checa”, anotou Paleček. Miranda acrescentou estar preocupado com o facto de as reuniões terem deixado de realizar-se na antiga casa secreta da StB e terem passado a ser a descoberto. Ficou acordada a forma como o encontro seguinte, dentro de um mês, teria lugar. Uma combinação própria dos livros de espionagem: às 18h Sova deveria conduzir o seu automóvel até à portaria do Hotel Internacional e aí estabelecer contacto visual com o controlador Paleček, que estaria dentro de uma viatura; os dois carros seguiriam, então, até um parque automóvel onde Sova deveria estacionar; em seguida Sova entraria no carro do antigo oficial da StB; a reunião teria lugar dentro do carro de Paleček, em andamento. “Oferecemos a Sova todas as garantias de secretismo. Ele concordou com o plano”, escreveu Paleček.

O arquivo ABS não contém qualquer documento que demonstre pagamentos feitos ao agente português. Numa nota da StB de 6 de dezembro de 1989, no entanto, o major Jindřich Šrámek indica que as despesas totais com o dossiê Sova totalizavam naquela altura quase 11 mil coroas (10.800,70). A pasta inclui vários recibos de despesas em bares, restaurantes e lojas de presentes ou de cristal da Boémia.

A família Miranda regressou a Portugal em 1992. O casamento chegou ao fim pouco depois. A ex-mulher de João Carlos continuou a trabalhar em vários departamentos do MNE, em Lisboa, e na embaixada de Portugal em Santiago do Chile. “Nunca deparei com alguma situação fora da

174

Declaração

Confesso e tenho consciência que a minha actividade criminosa, a longo prazo no transporte ilegal de produtos da República Federal da Alemanha para a República Socialista da Checoslováquia da qual eu abusava da minha qualidade Diplomática, prejudiquei os interesses económicos da RSC. e neste contexto violi as regras da Convenção de Viena sobre as relações Diplomáticas e Consulares. Declaro que através da minha colaboração com os Orgãos de Segurança do Estado da RSC. vou tentar compensar o prejuizo que fiz com a minha actividade nos interesses da RSC. Comprometo-me que durante esta colaboração vou respeitar as instruções dos funcionários da Segurança Checoslovaca e que esta colaboração vou manter em segredo total perante os orgaos da Republica Portuguesa como perante todos outras pessoas (incluindo os meus familiares). Durante a cooperação vou utilizar o nome codificado Sova.

13/ Fevereiro de 1988 *João Carlos*

SEXO Uma das dezenas de fotografias que retratam os encontros de cariz sexual entre João Carlos Miranda e Linda, a espia dos serviços secretos da antiga Checoslováquia

normalidade por parte do meu ex-marido”, explica ela, via *e-mail*. “Como deverá entender, as minhas responsabilidades profissionais — nas minhas funções como funcionária do MNE e secretária do embaixador em posto — assoberbavam-me.”

Em maio de 1992, Petr Cibulka — um antigo dissidente anticomunista que passou vários anos nas prisões da StB —, publicou uma lista com nomes, datas de nascimento e nomes de código de milhares de antigos colaboradores secretos da StB. O agente Sova constava da lista. O MNE investigou o antigo chanceler da embaixada em Praga. “Ficou demonstrado, então, o meu total desconhecimento em relação a eventuais ligações do meu ex-marido aos serviços de informações da República da Checoslováquia, aliás nunca provados”, acrescenta a ex-mulher. Num despacho de 18 de agosto de 1992, o subsecretário de Estado-adjunto do MNE exonerava João Carlos Manuel Cardoso Miranda do cargo de chanceler da embaixada de Portugal em Praga, com efeitos a partir de 31 de julho de 1992. O Expresso pediu ao MNE — ao abrigo do direito de acesso a fontes oficiais de informação — toda a informação relevante sobre a cessação daquele vínculo laboral. O pedido, feito no início de maio, não obteve qualquer resposta.

* * *

A agente Linda voltou a encontrar-se com o português que conheceu em Praga na Sexta-Feira Santa de 1986. O funcionário do MNE colocado na embaixada em Viena aproveitou o feriado de 25 de Abril para nova visita à capital do país vizinho. Praga ficava a pouco mais de 300 quilómetros de distância. Ele voltou a ficar em casa dos mesmos amigos — a família de João Carlos Miranda. E voltou a visitar o mesmo apartamento da estudante universitária. O encontro foi mais uma vez intermediado pelo simpático Jiří Špít (na verdade, o agente da StB Šíp), motorista da embaixada em Praga. Os extensos relatórios da StB transcrevem a gravação da conversa mantida pelos dois amantes entre as 16h30 e as 18h daquele dia. Tal como da primeira vez, a agente fechou as cortinas do quarto e acendeu uma pequena luz vermelha — o sinal combinado com os operadores fotográficos e de gravações/escutas dos serviços secretos — de que tudo estava a correr bem e que a “documentação” do encontro sexual poderia começar.

O objetivo da missão de Linda, lê-se num documento, era “encontrar material que pudesse comprometer moralmente” um homem que trabalhava com o correio diplomático e com a cifra na embaixada de Portugal em Viena. A agente foi instruída — em colaboração com o motorista Jiří (agente Šíp) — para “agir de forma a que [o funcionário português] mantenha o interesse em continuar a relação” e eventualmente “arrastá-lo para

uma atividade criminosa, para se obter alguma prova de ato criminoso”.

Quando o português foi transferido de Viena para Moscovo, no verão desse mesmo ano, a StB prontamente informou os colegas soviéticos do KGB sobre a operação de comprometimento iniciada em Praga. Os “amigos soviéticos” manifestaram interesse em prolongar as ações. A pasta foi passada para Moscovo. “Tendo em conta o que sabemos sobre a mentalidade do sujeito, achamos que isto vai ser um sucesso”, lê-se num dos relatórios.

Ficou decidido que a agente Linda seria enviada para a capital da URSS para novo encontro sexual com o português. Linda aproveitaria a ocasião para apresentar uma amiga russa — na verdade, uma agente do KGB soviético — que poderia, eventualmente, continuar a ligação amorosa com o funcionário diplomático português. Este tipo de armadilha sexual era comum nos países do antigo bloco socialista e tinha sido aperfeiçoada na União Soviética desde a década de 30. Era um dos métodos mais utilizados para o chamado *kompromat*, a palavra russa que é uma abreviação de *компрометирующий материал* (material comprometedor).

A operação demorou quase seis meses a ser preparada. A StB dispunha de muitos dados, atualizados, sobre este alvo que fora transferido para Moscovo. A família Miranda mantinha contacto regular com os colegas e amigos em Moscovo e toda esta informação era escutada e anotada pelas toupeiras nessa altura infiltradas na embaixada de Portugal em Praga (agentes Šíp, Úřednice e Nebuželský) e depois diligentemente reportada aos oficiais da StB.

O arquivo ABS inclui vários relatórios escritos com base em informação detalhada passada pelo agente português

Sob a orientação do KGB, os serviços secretos checoslovacos engendraram um esquema algo elaborado. Começou com o envio do motorista da embaixada à União Soviética. Jiří — ou Jorge, como os portugueses lhe chamavam — esteve em Moscovo de 16 a 22 de dezembro de 1986. Disse a toda a gente que ia à capital russa para assistir ao Troféu Izvestia de hóquei sobre o gelo — um dos torneios mais importantes da modalidade desportiva que ainda hoje é a mais popular da Checoslováquia. Na verdade, o torneio foi uma desculpa para Jiří restabelecer o contacto com o funcionário português. No dia 16 de dezembro telefonou para a embaixada de Portugal em Moscovo e falou com o homem. Voltaram a falar no dia 19. Durante a conversa, Jiří teve oportunidade para mandar os cumprimentos da amiga comum, a estudante “Monika”. Jiří explicou que ela passara a trabalhar na agência de viagens Čedok e que iria fazer um estágio de trabalho em Moscovo em janeiro de 1987.

O português ficou entusiasmado com a novidade. Retribuiu os cumprimentos. Disse ao motorista Jiří que gostaria de ver Monika em Moscovo e deu-lhe, inclusive, um número de telefone direto, que não estava ligado à central da embaixada. “Diz à Monika que vou tomar conta dela aqui [em Moscovo]”, disse o português.

O arquivo ABS descreve os detalhes com a preparação da viagem da agente Linda a Moscovo. Ela teve três reuniões de treino intensivo nos dias 13, 20 e 22 de janeiro. No briefing do dia 20 ela telefonou ao português para anunciar que ia estar em breve em Moscovo. As reuniões também incluíram treino ideológico. Foi-lhe dito, por exemplo, que a cooperação com a República Socialista da Checoslováquia era “um dever cívico [dela], de proteção do socialismo”. Educaram-na a “libertar-se da via materialista e egoísta da vida”. Numa das reuniões foi-lhe explicada “a natureza e a necessidade da existência dos corpos de segurança dos Estados socialistas que, entre outras coisas, protegem e defendem as vantagens do socialismo contra as atividades subversivas dos serviços secretos imperialistas”.

O plano operacional foi preparado até ao último pormenor pela StB em conjugação com o KGB soviético e foi aprovado pelo ministro do Interior Vratislav Vajnar. A assinatura dele tem a data de 4 de janeiro de 1987 (Vajnar foi ministro entre 1983 e 1988; em 2019 ele respondeu num tribunal penal da República Checa por ter autorizado o uso de violência extrema contra cidadãos checoslovacos que tentavam saltar a fronteira com a Áustria e a Alemanha; nove pessoas morreram).

À hora de almoço do dia 28 de janeiro de 1987, o português foi ter com a agente Linda ao Hotel Intourist na rua Gorky da capital soviética (o hotel, de 22 andares, foi demolido em 2002 e deu lugar ao atual Ritz-Carlton; a rua Gorky passou a chamar-se Tverskaya). A jovem checoslovaca estava à espera



dele na receção. “Encontraram-se de acordo com o plano e mantiveram uma relação íntima que foi documentada pelos serviços técnicos”, lê-se num relatório da StB. Aparentemente o português pagou-lhe 500 xelins austríacos. Nos encontros anteriores, em Praga, tinha-lhe pago 40 dólares.

O êxito da missão de Linda com o funcionário português foi reconhecido pelos dois serviços secretos. Além do comprometimento moral que foi documentado fotograficamente no apartamento de Praga e no hotel de Moscovo, Linda cumpriu igualmente a segunda tarefa da missão: ela apresentou a amiga russa Marina ao português, que pareceu interessado (ela não era amiga nem se chamava Marina — era uma agente do KGB). A StB teve despesas de 3444,90 coroas e pagou um total de 5 mil coroas à agente Linda como honorários pelo trabalho desenvolvido contra os dois alvos portugueses. O prémio era chorudo: em 1989 o salário médio mensal na Checoslováquia era de 3170 coroas.

Os serviços secretos soviéticos elogiaram o trabalho da jovem agente checoslovaca. Os dossiês no arquivo ABS contêm pelo menos quatro ofícios escritos na língua russa enviados pelo KGB — todos marcados como *секрет*, ou secreto — manifestando o apreço pelo trabalho dela e agradecendo a cooperação com a StB.

* * *

João Carlos Miranda, de 73 anos, nasceu em Malanje (Angola) em 1949. Atualmente vive na zona sul do Tejo, nos arredores de Lisboa. O Expresso tentou confrontá-lo com as provas documentais constantes do dossiê Sova da StB — 145 páginas de relatórios, fotografias e outros documentos, a que se somam dezenas de páginas de outros arquivos (Linda, Poprad, entre outros). O antigo chanceler, no entanto, faltou aos encontros marcados para um café na freguesia de Amora.

Em conversa via telefone, João Carlos Miranda disse que a investigação do Expresso é apenas uma versão de acontecimentos “que poderão ter acontecido — ou não”. “Não quero dar relevância a uma história que se passou há mais de 30 anos. É uma história sem história. Toda a gente fazia contrabando. Toda a gente trocava divisas no mercado negro.

Não havia mal algum. Quanto aos meus *affaires*, são coisas que acontecem. Informações? Que interesse teria [para os serviços secretos checoslovacos] um país como Portugal? Só queriam saber coisas de lana-caprina. Como andavam as relações entre Portugal e Espanha, por exemplo.”

O outro funcionário diplomático que trabalhou na embaixada de Portugal em Viena e Moscovo e está exaustivamente descrito no arquivo ABS esteve sempre classificado como PO ou *prověřovaná osoba* (pessoa alvo de exame, na língua checa). A documentação tem mais de 175 páginas, a que se pode somar grande parte do dossiê Linda, com 280 páginas. O funcionário está reformado e vive com a mulher nos arredores de Lisboa. O Expresso tentou mostrar a documentação obtida no arquivo ABS de Praga, mas ele respondeu que não estava interessado.

“Tive uma carreira de várias décadas como funcionário diplomático e passei por vários países. Nunca fui alvo de chantagem”, diz ele. “Nunca alguém me mostrou qualquer fotografia ou me pediu para fazer isto ou aquilo — nem eu aceitaria. Nunca faria algo que não dignificasse o meu país. Nunca tive qualquer contacto com os serviços secretos.”

Os serviços secretos soviéticos elogiaram o trabalho da jovem agente checoslovaca, manifestando apreço pelo trabalho dela

Sobre as armadilhas sexuais de que terá sido vítima preferiu não fazer qualquer comentário. “São assuntos da minha vida privada, ponto final.”

* * *

Renáta Adamová, conhecida pelos dois portugueses como Monika Hudcová (e registada nos ficheiros da StB com o nome de código Linda), foi rapidamente promovida de KTS a TS (*tajný spolupracovník* — agente ou colaboradora secreta, na língua checa). A promoção teve lugar a 16 de abril de 1986 — um dia depois de ela ter cumprido uma das suas primeiras missões e ter ido para a cama com o chanceler da embaixada de Portugal em Praga. “[Adamová] Foi contratada numa base ideológica para colaborar com a contraespionagem checoslovaca no comprometimento moral de diplomatas estrangeiros”, lê-se na nota contratual. A decisão só foi tomada após várias entrevistas. Os oficiais da StB pediram um relatório psicológico e uma análise grafológica. “Ela é inteligente. O estudo universitário deixou algumas marcas positivas, apesar de a capacidade de expressão ser mediana e ter alguma falta de conhecimentos gerais. A maior motivação dela na área da cooperação [com a StB] é da esfera material”, conforme consta num dos relatórios.

A StB tinha planos ambiciosos para a agente. O objetivo era posicioná-la num país ocidental onde ela pudesse desenvolver ações de espionagem. Para isso, contavam encontrar um homem ocidental suscetível de ser seduzido por ela. Linda não se opôs. “Desde que [o homem] seja rico, não importa a idade. De preferência a viver na Áustria ou na Suíça, não muito longe, porque quero continuar a visitar regularmente a Checoslováquia”, explicou a agente.

Mas nem tudo correu de acordo com o plano. A colaboração secreta com Renáta Adamová foi terminada em 31 de outubro de 1987 depois de ela ter “violado as regras de secretismo de contraespionagem no bar panorâmico [do Hotel Internacional] à frente de outras pessoas”. Os oficiais da StB também não ficaram contentes quando descobriram que ela deixara de trabalhar e que continuava a “obter ganhos com a prostituição”.

Os oficiais da StB notam, com preocupação, que ela trabalhou com seis operacionais dos serviços secretos e que anotou três números de telefone e aprendeu os métodos de trabalho da StB — nomeadamente a forma como recebem e transmitem mensagens. O arquivo ABS inclui uma declaração assinada por ela no dia 10 de fevereiro de 1988 jurando “manter a confidencialidade de todos os factos [que apreendi] durante o meu contacto e cooperação com as autoridades de contraespionagem da Checoslováquia”. Esta é a última nota guardada no arquivo ABS sobre Adamová. ●

e@expresso.impresa.pt